

## O Mistério do Mal

O mal é um problema e um mistério. Problema que é pergunta. Mistério que é resposta. Porque mistério, problema insolúvel. Porque problema, mistério que não é resposta pronta e feita. Não aceita o silêncio preguiçoso do fideísmo que o deixa sem perquisição da razão. Nem suporta a hybris da razão que pretende penetrar-lhe o fundo enigmático, reduzindo-o aos jogos das leis físicas ou psíquicas ou mesmo ao aleatório das estatísticas.

O mal é mistério e problema que se levanta cada vez que fatos da natureza ou eventos da história perturbam a lógica da razão e da fé. Atrás dele ficam os rastros indecifráveis de uma presença ausente ou de uma ausência atuante.

Ao fecharmos o século e milênio, criamos ter lançado para um passado voluntariamente esquecido as guerras mundiais, os campos de concentração, os genocídios, as violências bárbaras para entrar na Era de Aquário, da Paz e do Amor. E numa linguagem cristã, sonhávamos com a realização do que rezamos no Prefácio da Missa de Cristo Rei: “Reino eterno e universal, reino da verdade e da vida, reino da santidade e da graça, reino da justiça, do amor e da paz”.

E eis que a 11 de setembro do primeiro ano deste milênio, o mundo assiste atônito, pela dupla força do acontecimento e de sua irradiação mediática, ao desabar fragoroso dos símbolos do poder financeiro e militar do Centro do Império. Gesto de violência que impressionou mais pelo impacto visual e dramático do que pelo número de vítimas. Pois continuam em países da África, do Oriente e mesmo da América Latina a haver mais vítimas numéricas do que as das Torres Gêmeas. Pois segundo informações veiculadas pela ONU existem 110 milhões

de minas ativas espalhadas por 68 países do mundo que ferem mortalmente ou gravemente, todos os meses, mais de 2.000 pessoas, sobre tudo mulheres e crianças. A cada três meses morrem mais do que nas Torres. Mas não é isto que impressiona.

Os fatos de violência, de maldade somam-se, não se anulam nem se justificam entre si. Daí a incoerência teórica e prática de retirar do baú medieval os princípios justificativos de uma “guerra justa”. Nos moldes de hoje, uma guerra nunca é justa. Soma mais maldade ainda à já acontecida.

Aí estão os fatos. E a razão e a fé. Que dizem? Onde encontraremos um pouco de luz para navegar por mares tão tormentosos? O mal não tem consistência. “O mal não tem miolo” (Guimarães Rosa). A linguagem da metafísica clássica nos ensina que o mal é “ente de razão”. É um algo, mas não é um ser real. Ele só se deixa compreender como a privação do bem. Portanto, entende-se a partir de algum bem, de algum ser, de uma perfeição de que ele se priva. Nada é mal por essência, por sua natureza, nem por participação, mas por privação (Suma Teológica I q. 14, a. 10). No horizonte de Santo Tomás está o mundo criado por Deus, de cuja bondade participa. “E Deus viu que isto era bom” (Gn 1, 10.12.18.21.25)

O mal só se entende em relação com o bem. Já temos uma luz. Não se situam ambos num mesmo nível. Não são realidades que se colocam no braço de uma balança que ora pende para o lado do mal ora do bem. E toca-nos medir suas quantidades para emitirmos os juízos valorativos sobre a realidade.

A metafísica tradicional afirma a precedência ontológica e o primado axiológico do bem, compreendendo o mal como sua negação. Por mais terrível que ele seja, o mal é momento dois, depois do momento um do bem. No princípio está o bem. Rejeita-se a limine qualquer sombra de maniqueísmo, de dualismo ontológico, segundo o qual há dois princípios primordiais – um do bem e outro do mal – que presidem a Criação e a História. E os seres humanos são convidados a filiarem-se a um dos exércitos e assim travarem a batalha apocalíptica do bem contra o mal. Por mais arcaica que pareça a filosofia maniqueísta, revive continuamente sob formas racistas, belicistas, culturais, religiosas. Não circula na imprensa de nossos dias a palavra de ordem incitando as nações, as pessoas para engajar-se na batalha do bem contra o mal?

Sim, a filosofia afirma a precedência do bem. Essa afirmação é muito metafísica, desconhece a história pessoal e coletiva, retrucam adversários da limpidez tomista do bem. O mal infiltrou-se no coração humano. Roeu profundamente a humanidade. Armou tenda entre os

seres humanos. Avança a olhos vistos de modo que o bem parece reduzido a pequenos arraiais enquanto o mal se globaliza.

Não é nova essa reflexão moralista. Não são de hoje as descrições da maldade humana, carregadas de cores fortes. São Paulo mesmo começa a sua carta aos Romanos traçando-nos dois quadros da miséria humana: o mundo judaico e o mundo romano. Com eles, cobria-se a totalidade da humanidade. São Paulo parece favorecer esse discurso moralizante de modo que nele se bebem expressões de condenação para a maldade generalizada da humanidade.

Quando, porém, tudo se fazia escuro e as trevas triunfavam sobre as réstias de luz, São Paulo arranca do mais profundo de sua experiência do Cristo morto e ressuscitado o grito que iluminará para sempre a realidade humana: “onde o pecado proliferou, mais abundante tornou-se a graça” (Rm 5, 20).

Com os dois faróis da razão e da fé, ou, se quisermos usar a imagem de João Paulo II, com essas duas asas, veremos com mais clareza e voaremos mais alto, embora envolvidos pela noite do mal. A tecnologia de guerra e de morte criou meios para ver na escuridão, desde alturas inimagináveis. Mais do que ela, a razão e a fé, em alturas ainda mais distantes e em escuridões mais cerradas, permitem-nos enxergar riscos de claridade em todas as realidades.

Firmados na razão e na fé, que defendem indiscutivelmente a positividade primeira e superior do bem, torna-se possível entrar no emaranhado do mal sem perder o otimismo psicológico e a esperança teologal.

Mentes se embaralham diante de comentários sobre o episódio de Nova Iorque. Em muitos lugares, afirma-se sem pudor que se esconde detrás de muita violência e maldade a religião. A religião, dizem, é violenta, provocando ações como as perpetradas pelos jovens árabes.

A favor de tal afirmação estão muitos fatos da história das religiões. Longo rosário de violências se desfia diante de nossos olhos: cruzadas que se banharam de sangue mouro, genocídios de tribos indígenas em nome da fé, fogueiras queimando hereges na defesa da ortodoxia, guerras de religiões do final do século XVI. Não são só do passado. Católicos e protestantes digladiam-se na Irlanda do Norte. A Bósnia viveu conflitos violentos que refletiam divergências religiosas.

Como entender o paradoxo de a religião existir para re-ligar o ser humano a Deus e, ao mesmo tempo, ser causa de tantos males e violências?

O prêmio Nobel de literatura José Saramago desafiou-nos com virulento comentário aos eventos de 11 de setembro, explicando-os a partir do “fator Deus”. Invertendo o dito de Nietzsche de que tudo estaria permitido se Deus não existisse, afirma de maneira provocativa que precisamente por causa e em nome de Deus se permite e se justifica tudo, principalmente o pior, principalmente o mais horrendo e cruel.

O cristão não teme enfrentar a crítica da religião como fonte de violência e mal. Como ninguém, conhecemos essa história desde o início de nossa fé. Lá eram outras religiões que o praticaram. Jesus morreu vítima do poder religioso de seu tempo que se articulava numa simbiose indissociável com o poder político e econômico do Templo. Os cristãos ensanguentaram as arenas do Império Romano por sua atitude destemida de não aceitar a religião pagã e, sobretudo, o culto idolátrico do Imperador.

Religião fonte de bem e fonte de mal. Esta é a história. *Contra facta non sunt argumenta*. Há um casamento perigoso da religião com o poder e com o fanatismo. Talvez esteja aí uma das raízes de sua ambigüidade perigosa.

O poder é força de tal modo que semanticamente se passa facilmente de um sentido ao outro. Só uma reflexão detida não os identifica. A prática do poder firma-se na força, reage a partir da força, pensa suas ações em relação com a força. O primeiro movimento do poder é exercer a força. E quanto maior for o poder, maior a força que desencadeia.

O sábio político Pedro Aleixo, cujo centenário de nascimento celebramos este ano, quando do Ato Institucional nº 5, comentava ironicamente que temia a arbitrariedade violenta de tal poder institucional praticada pelo guarda da esquina. Quem não conhece a transformação psicológica por que passa um cidadão tranqüilo e cordato quando veste uma farda que lhe dá poder e, por isso, lhe permite praticar a violência e o incentiva a ela?

Há uma vinculação de raiz, pouco estudada, entre poder e violência maldosa. Quanto mais poder mais se possibilita o uso da violência. Ora bem, quando este poder parece vir de Deus, o uso da violência e as possibilidades de ações perversas não têm limite. Em nome dele, cometem-se os mais terríveis crimes. E a história os viu.

Hoje a fonte do poder já não vem tanto de Deus a não ser em religiões que não sofreram a cirurgia secularizante. Talvez aconteça isso nos fundamentalismos de todas as cores religiosas e não só muçulmano, como uma imprensa desinformada e, talvez, malévola teima em afirmar.

O poder centra-se no capital. Quem dispõe dele tem maior poder. E o capital possibilita, não necessariamente produz – nada de maniqueísmo nem de pauperismo -, ampliar o poder até o infinito. Nada o detém. E por isso é também a maior fonte de mal da atualidade.

Mentes doentias deslumbram-se diante do arsenal bélico que a mídia nos faz ver nos ataques ao miserável país do Afeganistão. As crianças deleitam-se diante de foguetes que estouram no ar e descem em chuvas de gotas de fogo. Pois bem. O que é festa, tornou-se morte. Inteligências de alto conhecimento tecnológico e alimentadas por investimentos astronômicos criaram a chuva de bombas. A bomba de fragmentação explode no ar e se transforma em inúmeras bombas que vão ampliando seu espaço de morte. Quem possibilitou tal perversidade humana? O poder do capital investido nas pesquisas. Cientistas de avental branco talvez nem se dêem conta da barbaridade que semeiam desde seus laboratórios. Acionistas da indústria recebem seu dinheiro multiplicado sem saber que vem manchado do sangue de vítimas.

Todo poder é mau? Como então viver numa sociedade que necessita de poder?

A razão e a fé vêm em nosso auxílio. Se durante algum tempo, o sonho idílico de Rousseau chegou a pensar uma natureza boa e então pervertida pela sociedade, hoje sabemos que o mal pertence à condição de criatura. O fato de não ser infinito, de ser limitado, e, no entanto, desejar ser infinito e ilimitado transforma o coração humano numa arena em que facilmente o desejo vence a realidade, semeando o mal em volta de si.

Mais. A etologia avança por caminhos novos, ao mostrar a proximidade maior entre o comportamento humano e o animal. O animal rege-se pelo instinto. Em muitos casos, causa-nos males – pensem nas picadas de serpentes venenosas. Têm-se estudado comportamentos humanos que se assemelham a essas reações do animal de que viemos.

A psicanálise vai mais fundo. Trabalha um inconsciente, não carente de “perversidade”, que irrompe até mesmo para além da liberdade humana em ações patológicas de alta periculosidade, de “maldade” física.

A sociologia, especialmente do conhecimento, lança suas luzes para iluminar atitudes coletivas de maldade, como o suicídio coletivo na Guiana Inglesa, comandado pelo líder religioso Jim Jones, em 1979.

Com todas essas luzes, as ciências elaboram terapias para diminuir a possibilidade de ações perversas do ser humano, perpetradas sem consciência ou com consciência diminuída.

O exercício do poder político, que, na expressão de Paulo VI, é grande mediação da caridade ampliando-lhe o alcance, paradoxalmente se faz também o lugar do maior mal. Requer uma vigilância mais atenta da razão.

Lord Acton forjou o axioma que fez escola. “Todo poder corrompe, o poder absoluto corrompe absolutamente”. A razão assume posição de cautela diante do poder. Cerca-o então de olhos que impeçam que ele cresça desmesuradamente para não ter ocasião de corromper-se absolutamente.

A democracia é a maneira de dividir os poderes – legislativo, judiciário e executivo – a fim de fazer de cada um deles o controlador do outro de modo a impedir-lhe desmandos. À medida que ela avança descobre que os três poderes simplesmente institucionalizados não são suficientes para tarefa tão difícil. Cada vez mais a sociedade civil, por meio de seus movimentos sociais e de cidadania, vem cumprindo essa função controladora do poder para que a verdade teórica do Lord inglês não se faça realidade.

O olhar da fé alcança bem mais longe e oferece um caminho para a superação do mal. Reconhece antes de tudo que a sua pretensa negação por meio de ideologias ou partidos políticos conduz ao totalitarismo, à arbitrariedade. Evitar todo mal moral e histórico só seria possível, destruindo a liberdade humana. Paradoxalmente produziria um mal maior. Acabar com todo mal físico significaria um controle tal sobre a natureza que ultrapassaria o próprio poder de Deus. No fundo, seria implantar o absurdo de o criado ser infinitamente perfeito, ilimitado.

João Paulo II com lucidez diagnosticara no desconhecimento e negação do pecado original uma das raízes que infeccionou o sistema socialista do Leste, levando-o à ruína (Centesimus Annus, n. 25).

A fé cristológica traz a chave principal de compreensão e posicionamento diante do mal. Na sua forma livre e moral de pecado, Jesus o denuncia, chamando o ser humano à conversão. E o fato que nos provoca este chamado é a proximidade do Reino. “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15). A saída do mal se faz pela conversão pessoal e comunitária. Implica reconhecê-lo na forma de mal, rejeitá-lo e voltar-se para a opção fundamental de bem.

No referente ao poder, a lição do Mestre é radical. Não nega o poder nem sua necessidade. Dá-lhe novo espírito para o exercício. “Sabeis que os chefes das nações as oprimem e os grandes as tiranizam. Entre vós não seja assim. Ao contrário, quem quiser ser grande,

seja vosso servidor, e quem quiser ser o primeiro, seja vosso escravo. Foi assim que o Filho do homem veio: não para ser servido mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos” (Mt 20, 25-28). É a mística do serviço.

O Sumo Pontífice, que concentra no nível eclesiástico poder quase ilimitado, firma seu nome com o título de *Servus servorum Dei* para que a consciência do serviço o mantenha no sentido jesuano do poder.

Um último toque cristológico nos abre horizontes para o próprio coração do ser de Deus. A morte de Cristo na cruz e sua ressurreição nos revelam quem é Deus em relação ao mal. Sempre ao lado do que sofre. Nunca do lado do algoz, nem apoiando-o, nem incitando-o, nem provocando-o. Só perdoadando-o, quando arrependido. O “fator Deus” amor é a negação do mal e da violência, porque está sempre a descer da cruz os crucificados do mundo, provocando a justiça na terra e a ressurreição para além da morte. O mal vincula-se estreitamente com a injustiça. Lutar contra ela pela construção de um mundo justo nos leva ao shalom bíblico. “Justiça e paz se abraçam e se beijam” (Sl 85, 11).